

Literatura cinzenta: presente e futuro

DINAH AGUIAR POBLACIÓN
(Universidade de São Paulo e Intercom)

Introdução

Aproxima-se o final da década de 90 e na virada do século descortina-se o cenário que coloca em primeiro plano a "Biblioteca Virtual". Com essa concepção de "Biblioteca sem paredes" cresce a importância da "Literatura Cinzenta" e tornam-se mais acirradas as discussões sobre esses temas.

Os atuais paradigmas estão relacionados com a extraordinária rapidez com que as novas tecnologias estão se desenvolvendo, acelerando os processos de transmissão e o acesso às informações. A dinâmica inerente a essa evolução exige o domínio dos diferentes vocabulários que estão sendo incorporados à rotina cotidiana, tais como: "telemática", "telecomunicação", "teleinformática" etc.

Produtores, distribuidores e usuários da "literatura cinzenta" vêm participando de debates e congregando profissionais de todos os setores da informação, preocupados em mostrar a necessidade do desvelamento dessa literatura para a sociedade. Se por um lado é indispensável o domínio das novas tecnologias da informação, por outro lado reconhecem-se as sérias implicações econômicas que afetam as mudanças organizacionais, para viabilizar a utilização dos meios eletrônicos.

Estes aspectos de gerenciamento da informação devem ser enfrentados com ações resultantes da implantação de estratégias adequadas relacionadas com as várias etapas do fluxo da informação, desde a geração do conhecimento, armazenagem e difusão até o uso da informação.

Considerando a primeira etapa - Geração do Conhecimento - como a mola propulsora das demais, a atenção deve ser centrada no papel que a produção de informação assume na sociedade de consumo.

Na segunda etapa destacam-se os processos de comunicação formal e ampliam-se os estudos que contribuem para engrossar a vasta literatura internacional sobre difusão e uso da informação. É nesse contexto de difusão e consumo que a fase da comunicação informal representa o início de um processo, que embora exista desde os primórdios da humanidade, hoje mais do que nunca é considerado como fator decisivo para formar opiniões e gerar conhecimentos. Esse processo vem sendo acelerado nestas duas

últimas décadas privilegiando os diferentes suportes utilizados pelos pesquisadores para permutar informações, introduzindo modificações e criando novos formatos de documentos, de acordo com os recursos tecnológicos adotados.

Observa-se que a dinâmica social, influenciada pelas redes de telecomunicações, cria condições para o fortalecimento dos "colégios invisíveis". A velocidade com que a informação circula entre os participantes dos grupos de pesquisa, que estão geograficamente dispersos, faz com que os resultados das investigações sejam melhor avaliados em círculos restritos. Como resultante da aceleração dos processos de comunicação informal observa-se o crescimento dos trabalhos cooperativos, das pesquisas integradas intensificando-se o fenômeno que há muito tempo vem preocupando a humanidade - a explosão da informação.

O crescimento exponencial, que foi constatado há mais de trinta anos por D. J. Price,¹ a partir dos documentos formais - livros e revistas - hoje denominados de "literatura branca", encontra-se atualmente superdimensionado com a sistematização dos conhecimentos, divulgados através da "literatura cinzenta".

Justifica-se dessa forma o preenchimento do vácuo existente nos estudos desse processo de comunicação. Todos estão conscientes que é necessário o acompanhamento da produção do conhecimento com a mesma velocidade com que são gerados. Para evitar o caos no processo de difusão, que certamente ocorrerá se não forem seguidos padrões e normas preestabelecidas, torna-se fundamental a identificação da procedência da informação (quem gera e onde é gerada). Para os autores devem ser criadas condições que propiciem os meios para participar dos canais de comunicação, desde o nível institucional até o internacional.

O domínio das práticas adotadas nessa intercomunicação, que implicam na identificação dos "gatekeepers" e dos "Colégios invisíveis"; no treinamento para o uso das bases de dados disponíveis; no acesso à informação e aos documentos, fazem parte do cotidiano dos profissionais de informação (PI). Esse grupo é constituído por produtores (autores e editores), por profissionais que tratam a informação (geradores das bases e os responsáveis pelo armazenamento) por aqueles que difundem os dados disponíveis e pelos usuários finais. Certamente esses grupos especializados representam um papel de grande relevância para o progresso da humanidade uma vez que a sua maior preocupação é com o segmento - usuários finais da informação - os quais supostamente constituiriam o elo final do fluxo. Verifica-se, através do "feedback" que esses usuários assumem duplo papel: como elo inicial e final, reiniciando o círculo, desde o uso até a geração e vice-versa.

A posição do pesquisador ou do estudioso - que assume o papel de produtor - defronta-se com o dilema "ONDE" procurar a informação. Cabe

¹ Veja PRICE, D. J. *Little science, big science*. New York: Columbia Union, 1963.

ao grupo "PI" a tarefa de tornar mais amena a missão do produtor da informação. Em sua postura científica o autor define "O QUE" pesquisar e inicia o seu fluxo de comunicação informal. Nessa busca despontam os documentos informais por terem sido produzidos de uma forma mais ágil, uma vez que não apresentam as características do documento convencional - livro ou periódico. Essa literatura de difícil acesso, que não foi privilegiada nos processos de coleta e armazenamento, está insuficientemente registrada nas fontes de informação que comumente excluem a "literatura cinzenta".

Embora haja a explosão dessa literatura, também conhecida como "fugitiva" ou "não convencional" reconhece-se que a informalidade não impede que atinja o seu papel social. Ela satisfaz a necessidade de informação, segundo a exigência do tema e do nível do pesquisador. Certamente o conteúdo e o interesse são aspectos avaliados pelo usuário nas diferentes etapas da pesquisa.

Literatura cinzenta na Europa

Durante a II Guerra Mundial predominaram os relatórios técnicos que circulavam entre os grupos restritos. Os autores certamente não tinham interesse em publicá-los para permitir a divulgação. Esse tipo de literatura atraiu a atenção de pesquisadores, principalmente do *Office of Scientific Research and Development* dos Estados Unidos, sendo essa produção científica na década de 40, denominada "Literatura de Informes".

Com as mesmas características dessa literatura começam a ser identificados outros tipos de documentos gerados durante os anos de 40 a 70. Destacam-se os famosos Relatórios de Weinberg considerados em 1963 como o registro exaustivo de mais de 100 mil relatórios governamentais. No entanto, foi a Comunidade Européia (CE), atualmente União Européia (UE) que concentrou sua atenção nos problemas decorrentes das dificuldades de identificação, divulgação e acesso a essa produção. A iniciativa da UE provoca entre seus participantes um estado de grande preocupação. Coincidentemente, em nível internacional estava sendo dada ênfase ao processo de administração do conhecimentos científico e tecnológico. É incontestável que a década de 70 foi marcada por uma profunda conscientização da importância da coleta e do tratamento da informação. No entanto, a prioridade de processamento era baseada na produção de livros e periódicos. Confirma-se assim, que em decorrência do 39º Congresso da Federação Internacional de Associações de Bibliotecários - FIAB ou IFLA - realizado em Grenoble em 1973 foi tomada a decisão de criar o Programa para o Controle Bibliográfico Universal (UBC ou CBU) que começou a ser operacionalizado, com o apoio da UNESCO, em 1974. Como consequência do andamento desse Programa foram propostas as bases das bibliografias nacionais que deveriam ser coordenadas em nível internacional, conforme decisão tomada na Conferência Internacional para o Aperfeiçoamento do Controle Bibliográfico Nacional realizado em 1977 em

Paris, sob o patrocínio da UNESCO. Nesse mesmo ano, complementando o Programa CBU, a IFLA lança outro Programa apoiado também pela UNESCO, para atingir um dos seus objetivos: UAP (*Universal Availability of Publications*). O alcance desse novo Programa foi apresentado em 1982, em Congresso realizado em Paris, onde os participantes aprovaram como recomendação vários itens referentes à "Disponibilidade Universal da Publicações". A produção da literatura convencional estava privilegiada com a identificação dos respectivos ISBN (livros), ISSN (periódicos) e NIPO (Número Normalizado para Publicações Oficiais), códigos esses normalizados para garantir o Controle Bibliográfico Universal (CBU). No entanto, nesse evento a "Literatura Cinzenta" também foi contemplada juntamente com as publicações oficiais, com a informação produzida em forma eletrônica e com o material audiovisual. Embora seja reconhecida a dificuldade, pela sua natureza, de exercer um controle bibliográfico alicerçado nas mesmas características da literatura convencional, a "literatura cinzenta" está explícita no Programa UAP em recomendação aos governos e aos organismos nacionais e internacionais, para adotarem medidas efetivas visando o controle bibliográfico e viabilidade de acesso a esses documentos.²

O reconhecimento da "literatura cinzenta", nesse texto de Recomendação elaborado em 1982, é fruto de trabalho que vinha sendo realizado desde dezembro de 1978, quando foi realizado na Inglaterra o Seminário York. Esse Seminário, ocorrido em setembro de 1977, 14 meses após a realização do Congresso Internacional sobre as Bibliografias Nacionais, representa o marco inicial para a sistematização dos estudos das múltiplas facetas que caracterizam os documentos denominados de "literatura cinzenta". Essa incumbência coube, em 1977, a um grupo de especialistas dos países que integravam a Comunidade Européia convocados pela *Dirección General para la Información Científica y Técnica de las Comunidade Europeas* e pela *British Library Lending Division* (atualmente *British Library Supply Center*).

A luta enfrentada pelos estudiosos desse tema, ao longo dos anos, deve ser avaliada em processo histórico iniciando-se pela seqüência das diferentes terminologias. Desde 1940, quando caracterizava-se com "literatura de informes" foi seguindo uma trajetória representada por diversas designações: literatura semi-publicada; fugitiva; informal; invisível; subterrânea; quase convencional; efêmera; não permanente; não convencional e prevalecendo finalmente em 1970, na Europa, a nomenclatura "grey literature" ou "literatura gris". Inicia-se agora o novo confronto, não apenas para determinar a importância e qualidade dos conteúdos, das características físicas do suporte documental e dos problemas de Controle Bibliográfico, mas também com a grande ênfase na disponibilidade através das redes eletrônicas e das novas tecnologias de transmissão de informação.

² Cf. TORRES RAMIREZ, I. "La llamada 'literatura gris'. Reflexiones sobre su naturaleza y desarrollo e instrumentos bibliográficos para su identificación y localización". *Boletín de la Asociación Andaluza de Bibliotecários*, n. 34, p.41-49, marzo 1994.

As divergências existentes entre os especialistas da informação, provenientes da evolução dos conceitos, da importância dos conteúdos, das características dos documentos e dos problemas do Controle Bibliográfico, trazem hoje um dimensionamento amplo que é acentuado pelos avanços que conduzem os usuários a superarem os desafios de acesso, facilitados pelas novas tecnologias de transmissão das informações através das redes eletrônicas, sobretudo a Internet.

O envolvimento de autores, editores e usuários cria condições para discutir os fatores determinantes da transição da “literatura cinzenta” para “literatura branca”.³ As implicações nos meios sócio-culturais levam estudiosos sociais a debater em congressos internacionais o impacto que essa “literatura cinzenta” causa nas diferentes comunidades, bem como a influência que exerce nas políticas e nas práticas sociais.

A sociedade contemporânea está pressionada pela velocidade com que a informação é transmitida, assimilada, transformada e reutilizada gerando novos conhecimentos. A rapidez com que os indivíduos necessitam de respostas às suas indagações faz com que a “literatura cinzenta” ganhe destaque. Conseqüentemente coloca em segunda instância a “literatura branca” que está consagrada, a partir do aval dos “referees” e apoiada em um processo de arbítrio entre os pares da comunidade.

A dificuldade para avaliar a “literatura cinzenta” tem gerado argumentos de defesa para justificar o posicionamento daqueles que se opõem a reconhecer a realidade. Nesse contexto, os responsáveis pelo tratamento da informação não efetivam os procedimentos de coleta e não aceitam a incorporação dessa literatura em bases de dados. Mesmo assim, na década de 80 cresce na Europa o interesse por esses documentos não convencionais que vêm sendo objeto de várias considerações sobre as suas implicações, tais como: fator decisivo para acelerar o fenômeno da explosão da informação; dinamização do fluxo de comunicação e dos meios de difusão do conhecimento; transformação dos canais de comunicação para assegurar a velocidade de transmissão; agilização dos contatos informais entre produtores e usuários da informação; propiciar maior dinâmica entre centros de pesquisa, universidades, empresas públicas e privadas que geram conhecimento; estimular a criação de padrões para representação e armazenamento exigindo aplicação de técnicas comprovadas por organismos internacionais; criar situações de desafio para os profissionais responsáveis por acesso à informação e pela superação dos problemas encontrados na localização de documentos.

³ Cf. ARTUS, H. M. The transition from “grey” to “white” literature: a study in the communication and publication behaviour of social scientists. In: *Proceedings of the 5 th. International Conference of Scientific Editors*, Hamburg, 14-19 June 1987, p. 126-144. Veja também POBLACIÓN, D. A.; NORONHA, D. P.; CURRÁS, E. “Literatura cinzenta versus literatura branca: transição dos autores das comunicações dos eventos para produtores de artigos”. *Ciência da Informação*, Brasília, v.25, n.2, p.228-42, mai./ago., 1996.

Para atenuar parte das conseqüências da incontrolável explosão da informação e enfrentar as mudanças estratégicas que ocorrem nos meios de comunicação, com implicações sócio-econômicas, os países europeus vêm promovendo eventos para discutir a importância da “literatura cinzenta” e conscientizar os profissionais da informação sobre a urgência do Controle Bibliográfico Universal (CBU).

Os resultados positivos dessa estratégia são demonstrados pela *European Association for Grey Literature Explotation (EAGLE)*, que foi criada e continua sendo mantida pela União Européia. Embora a Associação tenha instalado em 1980 o *System for Information on Grey Literature in Europa (SIGLE)*, o funcionamento só se efetivou em 1981 tendo como objetivo incorporar a essa base cerca de 24 mil itens anualmente. No entanto, o trabalho cooperativo dos países membros confirma o sucesso, pois, dados coletados por Torres Ramirez⁴ mostram que até 1991 a base SIGLE já havia incorporado 263 mil registros e atingia a nova meta anual de 40 mil itens identificados como literatura cinzenta.

A partir dos famosos relatórios Weinberg divulgados em 1963, o movimento dos profissionais da informação vem crescendo para congregiar aqueles interessados em facilitar o uso desse tipo de literatura. Assim, para comemorar os 30 anos de existência dos relatórios, a EAGLE promoveu o *Weinberg Report 2000 - First International Conference on Grey Literature*. O evento foi patrocinado juntamente com o *Japan Information Center of Science and Technology* e o *National Technical Information Service* dos Estados Unidos, tendo sido realizado em Amsterdan em dezembro de 1993. No programa organizacional desse evento estava previsto um módulo de informação documentária que daria origem à bibliografia sobre “Literatura Cinzenta”. Essa bibliografia foi publicada em 1994 com a seguinte estrutura:

- Cap.1 - Tipos de Literatura Cinzenta, seus produtores publicadores
- Cap.2 - Coleta e Processamento da Literatura Cinzenta
- Cap.3 - Redes, recuperação e distribuição de Literatura Cinzenta
- Cap.4 - Acessos disciplinar e temático à Literatura Cinzenta
- Cap.5 - Gerenciamento e Promoção da Literatura Cinzenta incluindo a cobertura dos Países em Desenvolvimento

A Bibliografia representa a participação de autores provenientes de vários países: Áustria, Alemanha, Espanha, Estados Unidos, França, Hungria, Israel, Itália, Japão, Países Baixos, Reino Unido e Rússia. Ao lado dos países mais avançados encontram-se quatro países em desenvolvimento, sendo três da África e um da América Latina, que é o Brasil.

Em 1995 foi realizada em Washington a *Second International Conference on Grey Literature* sob a responsabilidade da *TRANSATLANTIC*;

⁴ TORRES RAMIREZ, I. “La llamada ‘literatura gris’. Reflexiones sobre su naturaleza y desarrollo e instrumentos bibliográficos para su identificación y localización”. *Boletín de la Asociación Andaluza de Bibliotecários*, n. 34, p.41-49, marzo 1994.

Grey Literature Network Service e em novembro de 1996 no College Park de Maryland, EUA, aconteceu o *Second U.S. Workshop on Grey Literature*.

A geração e uso dessa literatura preocupa alguns estudiosos levando-os a investigar como o “cinzento” poderia ser “branqueado” ou tornar-se menos cinzenta. Como propõe I. Savignon⁵ acentua-se essa transição, designando as patentes como uma “Literatura Cinzenta Clara”.

Considerando que a geração de documentos não convencionais ocorre com tal velocidade, para cumprir o seu objetivo primordial, certamente não existe preocupação com a formalidade de registrar dados que facilitarão a identificação e localização. Os dados normalizados que caracterizam a literatura convencional, como o ISBN para livros; o ISSN para periódicos e o NIPO (Número Normalizado para Publicações Oficiais) serão difíceis de serem aplicados para a literatura cinzenta.

Se por um lado a dinamização dos meios de difusão facilita a intercomunicação entre os pares, contribuindo para a consolidação dos “colégios invisíveis”, por outro lado os participantes da comunidade, que não fazem parte desses grupos privilegiados, ficam privados do acesso aos documentos não convencionais.

Desde 1982 estão em vigor as recomendações do Congresso Internacional sobre a Disponibilidade Universal das Publicações, realizado em Paris, onde estão explícitas no Capítulo III.2 as preocupações com a literatura cinzenta:

“Los Gobiernos y demás organismos nacionales e internacionales deben examinar los problemas que plantean las publicaciones no convencionales producidas por ellos y, particularmente ciertas categorías de publicaciones oficiales, la denominada ‘literatura gris’, la información producida en forma electrónica y el material audiovisual, y tomar las medidas necesarias para lograr el control bibliográfico efectivo de ese material y su disponibilidad”.⁶

O futuro da União Européia está direcionado para acessar a informação disponível nos inúmeros serviços interconectados em rede em nível nacional e internacional. As bases de dados e a transmissão dos textos através dos processos eletrônicos facilitarão as buscas dos usuários, pois, “The basis of library information and document supply services will move from collection to access, and from ‘just-in-case to just-in-time’”.⁷

⁵ SAVIGNON, I. “Une littérature ‘gris claire’; les breves d’invention”. *Bulletin Bibliothèques de France*, v.29, n.2, pp.144-151, 1984.

⁶ TORRES RAMIREZ, I. “La llamada ‘literatura gris’. Reflexiones sobre su naturaleza y desarrollo e instrumentos bibliográficos para su identificación y localización”, p.59.

⁷ BARDEN, P. “The virtual library, internetworking and new technologies: some strategic thoughts. Quarterly newsletter of the International Council of Scientific and Technical Information, n.16, pp.2-3, Dec.1993.

No Brasil, o Grupo de Pesquisa de Produção Científica criado na Escola de Comunicações e Artes vem se dedicando ao controle bibliográfico da "Literatura Cinzenta", gerando bases de dados referentes a documentos produzidos pela comunidade de pesquisadores brasileiros nas áreas de "Comunicação Social", e "Ciência da Informação". Essas bases estão disponíveis de acordo com as recomendações dos organismos internacionais.